



Lara Rezende
e Arida foram a
Washington explicar
o pacote aos
economistas dos EUA.

Nossa economia para o FMI e os EUA entenderem

Uma das maiores preocupações de nossos credores é com o déficit público e com o abastecimento.

Os arquitetos do Plano de Estabilização Econômica, Pérsio Arida e André Lara Rezende, disseram ontem em Washington que os preços dos produtos básicos serão descongelados gradualmente e negaram que estejam planejando em segredo uma reforma do sistema bancário. Eles estiveram ontem no Instituto de Economia Internacional, o mesmo local onde expuseram, há pouco mais de um ano, pela primeira vez, sua tese sobre o controle da inflação no Brasil.

C. Fred Bergsten, diretor-executivo do Instituto, lembrou que em agosto de 84 ficou impressionado por um estudo feito por Arida e Rezende, publicado pela entidade em março do ano passado sob o título "Indexação e Inflação". "Era uma idéia muito interessante", comentou Bergsten, "e pensamos que devíamos explorar e promover sua discussão", disse.

Com esse objetivo, o Instituto organizou uma conferência com Arida e Rezende em dezembro de 84, com a presença de diversos economistas argentinos, entre eles o recentemente falecido Raul Prebisch. Três meses depois daquela famosa conferência, o governo argentino adotava o Plano Austral, aproveitando muitas das idéias expostas pelos dois economistas brasileiros.

Arida, que agora é diretor da Área Bancária do Banco Central, e Rezende, diretor de Dívida Pública, voltaram ontem ao mesmo salão da Fundação Carnegie para a Paz International onde foi feita aquela

conferência. Ambos responderam perguntas feitas por destacados economistas do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional, do Departamento do Tesouro e da Junta da Reserva Federal, além de empresas multinacionais e bancos, sobre o futuro do Plano de Estabilização brasileiro.

Perguntado sobre se o Brasil não corre o risco de sofrer uma crise de abastecimento em função do congelamento de preços, Rezende admitiu que existe um certo risco, que é preciso enfrentar, mas argumentou que o congelamento é necessário porque a essência da hiperinflação é que o público consumidor perde a noção dos preços relativos, através do que desaparece a disciplina da demanda. "O que queremos é que o público tenha tempo suficiente para recordar os preços e distinguir o movimento relativo de preços do movimento geral de preços", disse Lara Rezende.

Na sua opinião, o risco de crise no abastecimento é mínimo. "Necessitamos de um congelamento de preços por um período suficientemente longo que permita ao povo reconhecer o movimento relativo de preços e que exerce a disciplina da demanda", completou.

Muitas das perguntas dos economistas presentes — entre eles o ex-presidente do Banco Mundial Robert McNamara e funcionários do Departamento do Tesouro, como Ciro DeFalco e Bruce Juba — eram referentes à questão do déficit público. Arida, em resposta, lembrou a diferença entre o déficit

do orçamento e as necessidades de o governo tomar dinheiro emprestado, por exemplo, para prestar ajuda à agricultura, o que, segundo ele, não deve ser considerado parte do déficit. "Este não é um déficit, no sentido de que é um empréstimo a curto prazo", explicou. "É parte das necessidades de dinheiro do governo que não devem ser confundidas com o verdadeiro déficit."

Arida garantiu que as necessidades de empréstimos do governo são coerentes com a estabilidade da dívida pública em relação ao Produto Interno Bruto. Acrescentou que são coerentes também com o crescimento da economia brasileira e que é perfeitamente possível estabilizar a taxa de crescimento da dívida pública em relação ao PIB. Afirmou ainda que, comparada com a de outros países, a dívida pública brasileira "não é particularmente séria".

De qualquer maneira, disse Arida, o déficit é "uma questão crucial, que será mantida sob controle, mas neste momento não é uma questão que possa prejudicar a estabilidade".

Os dois economistas evitaram responder a perguntas sobre como o Plano de Estabilização afeta a questão da dívida externa e não falaram também sobre a estratégia para a renegociação. Mas Lara Rezende admitiu que os economistas não sabem o que acontecerá com a política monetária, e disse que será preciso usar "intuição" e ver o que acontecerá com a economia como um todo.

Diante de perguntas insistentes sobre quando será suspenso o congelamento de preços. Arida disse que isso será feito gradualmente por que irá desaparecer por si só sua importância dentro do programa econômico. "O congelamento irá se tornar velho e irrelevante, e um dia diremos: 'Já que é irrelevante, para que mantê-lo?' Vamos fazê-lo gradualmente e sua importância irá diminuir", previu Arida.

Consultado sobre rumores de uma reforma bancária, Arida considerou o termo "inapropriado". Acrescentou que para alcançar crescimento sustentado são necessários empréstimos a longo prazo por parte do sistema de intermediação bancária, que no momento só oferece empréstimos de curto prazo.

"Temos um sistema de intermediação que era adequado para uma inflação alta, mas não para apoiar uma economia de preços estáveis", comentou Arida. "É errado falar em reforma, mas é necessário mudar o sistema de intermediação para tornar lucrativa a concessão de empréstimos de longo prazo ao setor produtivo".

Arida ressalvou, porém, que essa mudança não pode ser feita de um dia para outro, nem há necessidade de fazê-la em segredo ou através de uma "conspiração" do governo. "Com preços estáveis e um crescente desejo de investir, é preciso agora readaptar o sistema de intermediação".

David Hume, de Washington